

morreu há menos de vinte anos; ocupei-me dele, na ocasião, lembrando sua participação na vida musical francesa no período de entre-guerras.

E para encerrar, mais um exemplo: Giordano e Giordani. O primeiro, bem mais conhecido, especialmente dos aficionados do lírico, pois uma de suas óperas, **Andrea Chénier**, é das mais representadas em todo o mundo. Faleceu em 1948, deixando mais de dez óperas, todas eclipsadas por **Andrea Chénier**. Já o outro, Giordani, viveu no século XVIII, teve muita notoriedade em seu tempo (óperas, concertos, sonatas), mas é lembrado hoje apenas por algumas canções estimadas pelos cameristas, que freqüentemente as incluem em seus recitais. (Odilon Nogueira de Matos)

*

ERROS DE TRADUÇÃO QUE DEFORMAM

É freqüente traduzir-se por **Rapsódia Azul** o título da mais famosa obra do compositor norte-americano George Gershwin, **Rhapsody in Blue**. É tolice refinada. É verdade que “blue”, em inglês, significa azul, mas não neste caso. “Blue”, aqui, é um termo musical, intraduzível. Designa uma forma ou gênero de música, vinculada ao “jazz” e que, como este, surgiu no ambiente negro do Sul dos Estados Unidos. Música nostálgica, sentimental e inspirado nela foi que Gershwin compôs sua mais divulgada obra. Daí denominá-la Rapsódia “in blue”, como quem quisesse dizer “no estilo” ou “na maneira” de “blue”. Nada tem com a cor azul. Mas o erro aparece com freqüência em livros, discos e até num filme sobre a vida do compositor. Ainda recentemente li uma biografia de Gershwin, aliás muito boa, e que no original intitulava-se simplesmente **The Story of George Gershwin**. Ao ser traduzida para nossa língua, foi tolamente batizada pelo tradutor ou editor de **Rapsódia Azul**. E o curioso é que no texto do livro a música é sempre mencionada pelo nome correto: **Rhapsody in Blue**. Donde se conclui que a culpa é mais do editor que do tradutor.

O fato de a terminação francesa “ée”, às vezes poder ser traduzida tanto por “eu” como por “éia”, levou a tradutora de uma história da música de autor francês, lançada no Brasil pela Difel, a mudar o sexo no título da grande ópera de Mozart, **Idomenée**, traduzindo-o por **Idomenéia** e não **Idomeneu**, como deve ser. Tivesse a tradutora o cuidado de consultar algum dicionário de música, verificaria que o título completo da obra (que no livro francês aparecia abreviado) é **Idomeneu, rei de Creta**, não deixando, pois, margem para dúvidas. Quando mostrei à tradutora o

erro em que incidira, ficou aborrecidíssima e procurou logo a editora para a necessária correção no caso de ser o livro reeditado. Mas, parece que nunca foi, tendo ficado na primeira edição.

Na **História da Ópera**, de Kurt Pahlen, publicada no Brasil há alguns anos, a belíssima opereta **O Vendedor de Pássaros**, de Carl Zeller, aparece com o título **O Passageiro**, que não faz nenhum sentido. Percebi logo: o livro foi traduzido do espanhol e lá está **El Pajarero**. Iludido pela semelhança de termos, o tradutor traduziu **Pajarero** por **Passageiro**, quando, na realidade, “pajarero” é quem cuida ou vende pássaros. Poderia quando muito ser traduzido por “Passarinheiro”. Jamais por “Passageiro”.

Ocorre-me outra “mancada” de tradução. Em disco lançado no Brasil, já há vários anos (de matriz francesa), a conhecida “Orquestra Colonne”, de Paris, assim denominada devido ao seu fundador, Edouard Colonne, foi traduzida por “Orquestra de Colônia”, como se se tratasse da histórica cidade alemã, famosa pela sua catedral e pelo perfume universalmente conhecido por “Água de Colônia”. Há outros casos curiosos, que oportunamente comentarei. (Odilon Nogueira de Matos)